

# 1 Introdução

*“Os outros: a melhor parte de mim sou Eles”.*  
Manuel de Barros

Inspirada nas palavras de Manuel de Barros, inicio este trabalho movida pela necessidade de explicar como os temas da estética, da diferença e da criança entraram e ganharam sentido em minha vida. Hoje esses temas compõem grande parte de minhas reflexões e inquietações profissionais.

Ingressei no curso de Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Pernambuco no primeiro semestre do ano de 1998. Logo no início de minha caminhada neste curso conheci o Prof<sup>o</sup>. Marco Camarotti, que me convidou para entrar em seu grupo de estudos sobre Dramas Circenses. Na época, não tinha certeza sobre meus interesses na pesquisa acadêmica, mas já me sentia atraída por ela.

Sem muitas pretensões de continuar em tal empreitada, fui, cada dia mais, me envolvendo com a questão dos Dramas Circenses, até que uma nova perspectiva de investigação e trabalho foi apresentada à nossa equipe. A nova frente de investigação tinha o nome de Projeto Pátio da Fantasia, e objetivava o desenvolvimento de atividades teatrais *para e com* crianças, dando prioridade às crianças com deficiência. Sem saber da profundidade e da importância do que nós estudávamos, fui me deixando ficar na companhia das reflexões e das experiências vivenciadas neste grupo de estudos até o fim de minha formação profissional. No decorrer da graduação e das experiências vividas no grupo de estudos (posteriormente intitulado de Núcleo de Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas – NEPAC) fui percebendo o valor das pesquisas e das ações empreendidas pelo Projeto Pátio da Fantasia. O encontro com NEPAC fomentou e mobilizou meus interesses profissionais.

No Brasil, a década de 90 foi de suma importância para o desvelamento de políticas de reconhecimento das diferenças. Confrontadas com a explosão dos novos movimentos sociais, as políticas públicas abriram espaço para discussões sobre a problemática da diferença e do tratamento dado aos sujeitos que por aspectos: sociais, étnicos, de gênero, religiosos, raciais, culturais, econômicos, físico-sensoriais, etc., eram e ainda são sobrepujados e discriminados sócio,

política e culturalmente. A temática da diferença passou a encorpar discussões nos diversos campos do conhecimento.

Também neste período, o contexto da globalização trouxe novas roupagens aos debates em relação aos significados de inclusão, democracia e identidades culturais na sociedade brasileira, marcada pela desigualdade social e pela diversidade. Dentro desse contexto surgiram as políticas de inclusão que visavam afirmar o direito à igualdade e o respeito às diferenças, atendendo assim às demandas dos movimentos sociais de mulheres, negros, índios, homossexuais, pessoas com deficiência e de outros segmentos excluídos cultural e socialmente.

Nesse contexto, surge a proposta de inclusão educacional como parte de uma política de inclusão social que estava ocorrendo em todo o mundo. No Brasil, essa proposta emergiu na década de 90 com a adesão de nosso país à Declaração de Salamanca<sup>1</sup>.

No que tange à questão da diferença deficiente e de sua educação, segundo Mazzotta:

*“...até 1990 as políticas de educação especial refletiram, explicitamente, o sentido assistencial e terapêutico atribuído à educação especial pelo MEC. A partir de 1990, surgem indicadores da busca de interpretação da Educação Especial como modalidade de ensino. Entretanto, é preciso salientar que as principais propostas e planos mantêm-se numa abordagem reducionista, interpretando a Educação Especial como questão meramente metodológica ou de procedimentos didáticos”* (Mazzotta, 2001, p. 200).

Tomando essa situação como referência, na década de 90 vários questionamentos são postos diante da proposta inclusiva de educação nos formatos vivenciados pela Educação Especial. Novos discursos vêm defender posicionamentos teóricos que soam como verdadeiros divisores de água. Segundo Lacerda (2006, p. 31 e 32) alguns dos representantes desses discursos são: Maria Teresa Eglér Mantoam<sup>2</sup> e Carlos Bernardo Skliar<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> A Declaração de Salamanca propõe a *Educação para Todos* visando diminuir o preconceito e a exclusão social.

<sup>2</sup> Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade [LEPED], na UNICAMP. Seus primeiros trabalhos enfocam, sobretudo, as pessoas com deficiência mental e, atualmente, além de orientar teses e dissertações na área, escreve textos de divulgação sobre a proposta da Educação Inclusiva.

<sup>3</sup> Carlos Skliar foi coordenador do NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos, do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Atualmente encontra-se na FLACSO-AR.

Mantoam representa o discurso da educação inclusiva, na linha da Declaração de Salamanca e dos tratados internacionais que lançam as bases de uma Sociedade para Todos<sup>4</sup>.

*“Sua visão é a de que, para incluir as pessoas com deficiência, toda a sociedade - e conseqüentemente todo o sistema escolar – deve se transformar. Diferencia e crítica as práticas de integração no que elas têm de condescendência e aposta na visão de uma sociedade onde todos sejam incluídos e as diferenças sejam vistas como riqueza e como característica inalienável da diversidade humana” (Lacerda, 2006, p. 31).*

Já Carlos Skliar direciona suas reflexões para uma pedagogia da diferença. Ainda nas palavras de Lacerda:

*“Tendo produzido trabalhos de referência sobre os surdos e a surdez, este autor recentemente centrou suas pesquisas na relação identidade/alteridade ou, nos seus termos, entre a mesmidade (identidade estabelecida pela normalidade) e outridade (alteridade como diferença e não duplo da norma). Numa operação de inversão epistemológica, a compulsão da normalidade em transformar toda diferença em mesmice passa a ser o objeto de exame – seu exemplo paradigmático é a obsessão ouvintista de fazer o surdo falar” (Ibid, 32).*

Delimitando um pouco mais o alcance do olhar desta pesquisa, e de acordo com o que está posto acima, interessa-me agora pensar nas Políticas de Educação Especial do Governo do Estado de Pernambuco. Neste Estado, durante os anos de 1999 e 2000, houve uma discussão latente sobre o respeito às diferenças com intuito de incrementar os processos de inclusão vividos. No âmago dessas discussões veio o reconhecimento da alteridade deficiente como algo que também está circunscrito em aspectos sócio-culturais, e cuja diferença define modos de ser e de estar no mundo. Diante disso, a Diretoria Executiva de Educação Especial, juntamente com a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, promoveu debates sobre a diferença num programa intitulado “Discriminação em Questão”, com o objetivo de pensar, fazer e construir novas representações sociais a respeito das pessoas com deficiência. Foi no seio dessas discussões que nasceu o objeto de interesse desta pesquisa, o Projeto Pátio da Fantasia.

Preocupado com a invisibilidade das crianças com deficiência no campo da Produção Teatral para crianças, o Projeto Pátio da Fantasia dedicou esforços

---

<sup>4</sup> Falarei desta questão mais extensivamente no capítulo de fundamentação teórica.

para pesquisar formas de criar atividades cênicas *para* e *com* crianças, priorizando aquelas que têm alguma deficiência.

Fui integrante do Projeto Pátio da Fantasia e, como aluna/atriz deste Projeto, pude viver experiências tão significativas que hoje, mesmo depois de ter findado, não consigo esquecer os espaços de reflexão nele criados. Isso me motivou a gerar este trabalho, mas, além deste aspecto, outros me incitaram a buscá-lo. A incidência de pesquisas que contemplem tais questões é bem baixa aqui no Brasil. No campo da Arte-Educação a linguagem das artes plásticas e visuais encabeça as pesquisas e práticas desenvolvidas com a Educação Especial. A linguagem teatral ainda não se arvorou a tratar da questão da Produção Teatral para pessoas com deficiência, muito menos para a criança com deficiência. Portanto, a importância da pesquisa acadêmica sobre as ações de um projeto como o Pátio da Fantasia mostra-se bastante significativa.

Pois bem, movida por questionamentos como: porque o meio teatral, em suas produções, ainda não considera as crianças como sujeitos que têm interesses, percepções e comportamentos diferentes dos adultos? Porque, quando há alguma consideração a respeito das diferenças das crianças, maior relevância é dada às especificidades de crianças mais abastadas, de determinadas classes sociais? Porque as crianças com deficiência são tão invisíveis dentro desse campo do conhecimento? Qual o comprometimento político e filosófico de uma arte que não considera as possibilidades de ser e de estar no mundo enquanto criança de uma maneira mais ampliada? Qual o comprometimento de uma arte que restringe as crianças a concepções limitantes, num país onde a desigualdade e a diversidade são, respectivamente, sinônimas de pobreza e de discriminação? Porque a produção teatral para crianças encontra-se tão atrasada em relação às concepções que se tem sobre as próprias crianças hoje? Em que concepções essas produções se baseiam?

Essas questões mobilizaram minhas inquietações e investigações se desdobrando em outras que melhor direcionaram esta pesquisa. Foram elas:

- 1) *Como o Projeto Pátio da Fantasia buscou criar produções artísticas de natureza teatral tendo como princípio poético o respeito às diferenças das crianças e das crianças com deficiência?*

- 2) *Com quais limitações e possibilidades essas produções artísticas se depararam?*
- 3) *Que recomendações as experiências realizadas nos deixaram como contribuição para futuros trabalhos com esse público?*

Os objetivos do trabalho que realizamos estão diretamente relacionados às questões acima apresentadas. No entanto, escolho como objetivo principal trazer à tona a invisibilidade e a indiferença da criança com deficiência no campo do Ensino do Teatro e, em especial, da Produção Teatral para crianças. Diante dessa prioridade nasceram dois objetivos específicos: 1) trazer à tona as experiências desenvolvidas pelo Projeto Pátio da Fantasia; e 2) ressaltar e discutir a indiferença às diferenças das crianças como sujeitos sócio-culturais no meio da Produção Teatral para Infância.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa se valeu dos pressupostos de cunho qualitativo. Os instrumentos de pesquisa foram: entrevistas semi-estruturadas realizadas com ex-integrantes do Projeto Pátio da Fantasia e com alguns profissionais de Instituições (educativas e hospitalar) que participaram de tal Projeto, além disso, também foi utilizado material documental.

A opção pelas entrevistas semi-estruturadas justifica-se pela possibilidade de perceber a subjetividade dos sujeitos que foram entrevistados. Foram realizadas 18 entrevistas, sendo 14 com ex-integrantes do Pátio da Fantasia e 4 com representantes de instituições participantes do Projeto. Quanto ao material documental a escolha foi motivada pelo potencial que este instrumento tem de informar, respaldar e confirmar os dados gerados na pesquisa.

Organizei este trabalho em cinco capítulos. No primeiro exponho alguns aportes teóricos que ampararam minhas reflexões durante este estudo. Nele, componho uma trama que traz contribuições da Sociologia da Infância, de reflexões sobre Estética e de estudos sobre a Diferença.

No segundo capítulo compartilho a história do Projeto Pátio da Fantasia. Esclareço como se deram os seus processos de investigações teóricas e práticas, e os seus procedimentos de trabalho para a concepção, criação e construção de atividades teatrais *para e com* crianças com deficiência. Todo percurso do Projeto Pátio da Fantasia, desde a sua criação até o seu término, é relatado.

No capítulo três esclareço quais foram as escolhas metodológicas utilizadas nesta pesquisa, apresentando o caminho percorrido do início das investigações até a produção desta dissertação de mestrado.

O quarto capítulo tece as reflexões analíticas, alinhando-as às bases da fundamentação teórica proposta. Uma grande categoria de análise foi escalada para estruturar e dar sentido a pequenas subcategorias, que vêm para esmiuçar o entrelace da trama criada neste estudo. A grande categoria de análise é: “Estética e Diferença no Pátio da Fantasia”. Esta se subdivide em duas outras: Ideais Poéticos e Normas Poéticas que por sua vez também se subdividem em partes menores.

Por fim, no quinto e último capítulo, apanho algumas evidências que emergiram nas análises e, a partir delas, proponho hipóteses e caminhos para novos trabalhos.

A temática da Educação Especial capturou-me a atenção desde o início de minha formação profissional. Todas as experiências vivenciadas por mim no campo educacional foram atravessadas pelas questões da diferença e da deficiência. Além das experiências educacionais, boa parte das vivências que tive enquanto atriz também foi atravessada pelas questões acima.

Do entrelaçamento de dúvidas, encantos, descobertas, aflições, medos e preconceitos vividos em minhas experiências profissionais, se estabeleceu em mim o constante desejo de encontro com o outro, porque acredito que no outro me encontro e reconheço.

Apesar de consciente dos limites do trabalho realizado, acredito que ele possa contribuir para o aprofundamento das complexas relações entre arte, sociedade e educação.